

**INSTITUTO TERESA VALSÉ PANTELLINI:
UM COMPROMISSO COM A FORMAÇÃO DA MULHER (1959-1971)**
Institute Teresa Valsé Pantellini: a compromise with the woman's formation (1959-1971)

*Julio César Orias Teodoro**
*Jose Carlos Souza Araujo***

RESUMO

Esse estudo tem, por objetivo, historiar a gênese do Instituto Teresa Valsé Pantellini em Uberlândia, MG, com a finalidade de construir uma interpretação de seu aparelho educacional compreendido entre os anos de 1959 - data de sua instalação na cidade - ao início de 1971, ano em que a escola passou a admitir a matrícula de alunos do sexo masculino. Em síntese, tal pesquisa visou analisar a construção de seu espaço físico, a vida escolar, a participação da sociedade para a efetivação da Instituição - atualmente sediada na Avenida Mato Grosso, 1625, no Bairro Brasil - e a contribuição dessa escola para o desenvolvimento da cidade. Esta temática é considerada relevante por contribuir com o conhecimento sobre o processo de construção das estruturas educacionais de Uberlândia. Para tanto, foram privilegiadas as fontes documentais arquivadas na instituição, a imprensa local, além das fontes obtidas através de entrevistas com as Irmãs salesianas, com os ex-alunos e com ex-professoras, protagonistas no período em apreço.

Palavras-Chave: Salesiano, Escola confessional, Educação Feminina, Teresa Valsé, Uberlândia.

ABSTRACT

The aim of this article is to historify the genesis of Teresa Valsé Pantellini's Institute in Uberlândia, MG, with the intention to build an interpretation of its educational structure comprehended between 1959 - date of its town settlement - to the beginning of 1971, which is the year that registers the first men students that have entered in the school. In synthesis, such research has analyzed the construction of its physical space, the scholar life, the society's participation and its effort to consolidate the institution - currently located at Avenida Mato Grosso, 1625, Bairro Brasil - and the contribution of this school to the development of Uberlândia. This theme is considered relevant due to contribute for the knowledge about the process of construction of the educational structures in Uberlândia. In such way, the historical resources located in the school were found in a way of privilege. Even the local media, interviews with the salesian sisters, old students and old teachers have helped to construct and build this analysis.

Keywords: Salesian, Confessional School, Feminine Education, Teresa Valse, Uberlândia

* Mestre em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia. Contato: jcorias@gmail.com

** Professor Titular Aposentado da Universidade Federal de Uberlândia. Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Pesquisador Visitante do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Brasília (UnB), com o apoio do CNPq. Contato: jcaraujo@pq.cnpq.br

Esse estudo focaliza o Instituto Teresa Valsé¹ Pantellini entre os anos de 1959 e 1971, período este em que o ensino era direcionado somente às meninas, Instituto este dirigido pelas Irmãs Salesianas², em um momento em que acontecia, acentuadamente, o desenvolvimento sócio-econômico da cidade de Uberlândia, MG, o que culminou com a expansão demográfica urbana e, conseqüentemente, com a demanda escolar, principalmente nos bairros periféricos da cidade, como era o caso da *Vila Operário*, atual Bairro Brasil.

Para tanto, foram pesquisados vários aspectos da história da Congregação Salesiana, de um modo geral, bem como na cidade de Uberlândia, MG, na qual a Congregação compartilha de sua história educacional desde 1947, com uma escola masculina, fechada em 1970, e outra feminina, desde 1959, instituição esta que permanece em atividade até os dias atuais, através do Instituto Teresa Valse Pantellini.

Em relação ao período de 1959 a 1971, pode-se afirmar que havia uma forte influência da Igreja Católica sobre a ordem social, e especificamente sobre o setor educacional. Trata-se, por conseguinte, de indagar e questionar a respeito dessa tradição educacional católica influente em Uberlândia, em um momento de crescimento sócio-econômico e industrial da cidade.

Ao buscar uma delimitação para o tema a ser desenvolvido, levantou-se a questão de como se deu o processo de formação do Instituto no que se refere à sua estruturação relativa ao espaço físico, à sua metodologia de educação, ao modelo disciplinar e ao apoio recebido da sociedade uberlandense em vista da sustentação do empreendimento educacional em apreço. Partiu-se da hipótese de que o referido Instituto instalou-se em Uberlândia, MG, num momento em que ocorria um acentuado desenvolvimento da cidade, abrindo espaço para o crescimento da educação privada, principalmente de escolas de tradição católica.

Esse projeto de desenvolvimento da cidade provocado pelo fato de estar em uma posição privilegiada, constituindo-se geograficamente como eixo de ligação entre a região Sudeste e o Brasil Central, alimentou as migrações de milhares de pessoas de outras regiões brasileiras que aqui se instalaram. Portanto, o que estes migrantes encontraram inicialmente, foi uma completa falta de infra-estrutura (água encanada, rede de esgoto, energia elétrica e pavimentação das ruas). Essa era a realidade do Bairro Brasil antes da vinda da irmandade salesiana feminina.

A realidade da época em que as Irmãs Salesianas vieram para Uberlândia foi fundamentada em preceitos assistencialistas; no entanto, para sobreviver, tiveram que estipular uma mensalidade, mesmo que de forma diferenciada dependendo das condições das alunas. Na verdade, acaba por contrariar o princípio fundado na filantropia, conforme reza o Estatuto do Instituto Teresa Valsé Pantellini: “[...] o Instituto é uma entidade

¹ O sobrenome *Valsé* é de origem francesa, conforme consta nos relatos históricos que narram os feitos da vida da Irmã Teresa Valsé Pantellini.

² O termo *salesiano* (*a*) é um adjetivo ou um substantivo derivado de *Sales*, e é referente à Congregação São Francisco de Sales, fundada por Dom Bosco (1815-1888) em 1841. O ramo salesiano feminino nasceu em 1872, na Itália, com a denominação de Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, e foi fundada por Madre Maria Domingas Mazzarello (1837-1881), sob a orientação e assistência material e espiritual proporcionada por Dom Bosco (1815-1888).

civil, de fins não lucrativos, de caráter filantrópico, com o objetivo de amparar especialmente o mais pobre, visando a sua formação e a promoção integral” (1991, p. 1). A escola, embasada como entidade filantrópica, aproveitava-se da omissão do Estado diante das deficiências educacionais do setor público, e angariava vantagens por reconhecer-se como não possuidora de fins não-lucrativos, para receber subvenções e isenções por parte dos órgãos públicos governamentais.

Sua vinda para a cidade foi assentada na valorização das questões éticas e morais entre jovens, através da educação e da religiosidade. Já existia, na cidade, o Ginásio³ Cristo Rei, fundado em 1947, uma escola salesiana para alunos do sexo masculino. Foi da parte do Pe. Mário Forestan, então líder dessa instituição em Uberlândia à época, a solicitação da vinda das Filhas de Maria Auxiliadora.

Para historiar essa instituição, é de grande importância considerar o contato com as fontes primárias e secundárias, pois segundo Adam Schaff, “[...] o historiador não parte dos fatos, mas dos materiais históricos, das fontes no sentido mais extenso deste termo, com a ajuda dos quais constrói o que chamamos de fatos históricos” (1983, p. 307).

É com esta orientação, que foram examinados os jornais locais da época (*Tribuna do Triângulo*, *Correio de Uberlândia*, *O Arauto* e o *Triângulo*), os documentos do Arquivo Público Municipal, o acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História (CDHIS), os arquivos do Ginásio Cristo Rei e do Instituto Teresa Valsé Pantellini; este estudo conta, também, com entrevistas dentre os atores e protagonistas relacionados a tais instituições, além das fontes bibliográficas. E o objetivo do arrolamento de fontes, bem como da necessária referência bibliográfica, foi trazer densidade empírica, que visasse acompanhar os passos da Irmandade Salesiana desde sua instalação na cidade, levando-se em conta os aspectos relativos à contextualização, bem como os de caráter intra-institucional. Pode-se, por conseguinte, afirmar que esse estudo tem um caráter investigativo, em que o quadro empírico e a análise se dialetizam, focados que estão em compreender tal movimento em torno da instituição escolar em apreço.

O início da obra salesiana em Uberlândia, MG: a escola masculina.

No início dos anos 1950, havia uma busca por formação de mão-de-obra dos jovens brasileiros, principalmente daqueles que viviam nos grandes centros industriais. Nesse contexto, situa-se Uberlândia, MG, uma vez que estava se organizando em torno de uma política desenvolvimentista: a instalação da instituição na cidade mostrou-se satisfatória aos olhos daqueles que acreditavam nesse progresso, por tudo que ela representava em termos de contribuição ao processo de formação dos jovens, bem como pelo crescimento que ela certamente promoveria em relação ao bairro em que estava sendo construída a escola.

³ Para o Código de Direito Canônico de 1917, a palavra *ginásio* é entendida pela etimologia grega (*gymnasion*), e pode ser entendida como o lugar em que se pretende exercitar os alunos, tanto intelectual como corporalmente.

Nesse contexto, no prédio vinculado à Igreja de Nossa Senhora Aparecida⁴, os salesianos fundaram seu primeiro centro educacional em Uberlândia, no ano de 1944, com a promessa de criar uma escola profissional; entretanto, este projeto não se completou, uma vez que esta escola acabou se tornando o Ginásio Cristo Rei em 1947, permanecendo em atividades por mais de vinte anos, apenas com a formação acadêmica.

A educação salesiana se estrutura em torno do Sistema Preventivo⁵ de Dom Bosco: Razão, Religião e Carinho ou *Amorevolezza*. Seu princípio básico consiste no ato de zelar para que as classes desprovidas de recursos tivessem uma formação ética e moral, que propiciasse condições de permanência no mercado de trabalho. Para as meninas, o programa assumiu uma preparação para o trabalho a ser praticado no âmbito do lar ou fora dele, através de cursos de pintura, bordado e culinária e, posteriormente, datilografia.

Nesse aspecto, percebe-se que nada melhor para construir tal perfil do que o ambiente da escola de tendência religiosa como o Ginásio Cristo Rei e o Instituto Teresa Valsé Pantellini, em um período em que a disciplina era tida como lema do seu processo educacional:

O Colégio Cristo Rei aplicava uma disciplina bastante rígida [...] com modos tradicionais, seguindo o sistema da época [...] cantava-se o hino nacional antes de entrar para a sala de aula [...] os alunos ficavam em fila antes de entrar para sala [...]. (PADRE MANOEL CLARO COSTA, cf. entrevista concedida em 22/02/2008)

[...] No Teresa Valse, as Irmãs usavam o hábito de filas, cantavam o hino nacional antes de entrar para sala de aula e a gente sentava sempre em fila [...]. (EDNA BARBOSA⁶, cf. entrevista 20/10/2007)

Nesse contexto, o Ginásio Cristo Rei veio com a incumbência de dar amparo aos meninos abandonados e economicamente menos favorecidos. Dessa forma, contradizendo a esse projeto, pelas palavras do ex-aluno, Pe. Manoel Claro⁷, “[...] a escola era para atender quem realmente tinha condição de pagar [...]”. Assim, o empreendimento tomou outra direção, segundo o que prescreve os termos de seu estatuto mencionado abaixo, passando a atender as necessidades educacionais das camadas sociais de Uberlândia que tinham realmente condição de pagar as mensalidades para um ensino acadêmico. Tratava-se de um “[...] ensino absolutamente gratuito para os alunos pobres [...], visa favorecer aos alunos de operários, cobrando taxas mínimas [...]” (ESTATUTO DO GINÁSIO CRISTO REI de 1947).

⁴ A Igreja de Nossa Senhora Aparecida teve sua construção iniciada em 07 de dezembro de 1928, no bairro que traz o seu nome, e foi somente concluída quando de sua inauguração no dia 13 de dezembro de 1936, com a presença de D. Luiz Maria de Santana, bispo diocesano de Uberaba, MG.

⁵ O *Sistema Preventivo* consiste em tornar conhecidas as prescrições e as regras de uma instituição, e depois assistir aos alunos, de modo que estejam sempre sob os olhos atentos do Diretor ou dos assistentes. Como os pais carinhosos, estes devem falar, servir de guia em todas as circunstâncias, dar conselhos e corrigir com bondade. Consiste, pois, em colocar os alunos na impossibilidade de cometerem faltas (SCARAMUSSA, 1984).

⁶ Edna Barbosa, nascida em 06/03/1953, natural de Uberlândia, MG, foi aluna do Instituto Teresa Valse no período de 1961 a 1969 (cf. entrevista concedida a 20/10/2007).

⁷ Pe. Manoel Claro Costa, nascido em 19/09/1945, natural de Uberlândia, MG, foi aluno do Colégio Cristo Rei entre 1953 e 1960 (cf. entrevista concedida a 22/02/2008).

Em 1º de março de 1947, iniciaram-se as aulas no Ginásio Cristo Rei, no Curso Primário (diurno) e nos cursos Primário, Admissão e Madureza (noturnos), com 250 alunos. Além desses cursos, por recomendação do Governo do Estado, matricularam-se no Curso de Alfabetização, 201 alunos, com a idade entre 14 e 30 anos.

A partir da instalação do referido Colégio, grandes melhoramentos, em termos de infra-estrutura, ocorreram na Vila Operário, os quais foram proporcionados pelo apoio da Prefeitura Municipal. Conforme as palavras de Padre Manoel Claro Costa, “[...] os Salesianos foram também, um grande fator para a urbanização da Vila Operário, eles vindo pra cá e iniciando o colégio deu imagem também à cidade [...]” (cf. entrevista concedida em 22/02/2008). A presença do então Prefeito de Uberlândia, Tubal Vilela, nos bastidores da escola sempre se fazia presente, pois este possuía grande área naquela região, e tinha interesse no desenvolvimento daquele bairro para que pudesse lotear e vender terrenos através de sua imobiliária.

O início do ano de 1952 foi de extrema importância, uma vez que, após ter conseguido a doação de uma grande área, onde hoje se encontra localizada a Universidade Federal de Uberlândia, no Bairro Santa Mônica, os salesianos deram início à construção do novo e moderno Cristo Rei, como é conhecido localmente. Mas, segundo o parecer do Pe. Henrique Ribeiro de Brito⁸, apesar dos esforços iniciais para a construção do novo prédio, que iria funcionar em caráter de internato e externato, este nem chegou a funcionar, e acabou sendo vendido mais tarde: “[...] não chegou a funcionar, estava em construção, aí veio o negócio com a Universidade de Uberlândia, a Faculdade. Eles fizeram construir, fazer Engenharia, começou a Engenharia [...]” (Pe. HENRIQUE RIBEIRO DE BRITO, 22/02/2008).

No entanto, apesar do sucesso da escola, por mais de duas décadas, em fevereiro de 1970, os Padres Salesianos deram por encerrada as atividades do Ginásio Cristo Rei, devido a vários fatores, inclusive de ordem sócio-política. Segundo o posicionamento de Brito (2001), a perda do apoio político, por parte da Prefeitura Municipal de Uberlândia, obrigou a instituição a dar por encerrada suas atividades, deixando a representatividade da Congregação, apenas a cargo das Irmãs Salesianas do Instituto Teresa Valsé Pantellini.

A escola feminina: o Instituto Teresa Valsé Pantellini.

Para Almeida (1998), a ex-colônia brasileira, ainda sob valores monárquicos, estabeleceu um padrão de mulher frágil, situada como mãe, esposa e dona de casa, aspectos estes ancorados no princípio da abnegação; por conseguinte, limitou sua educação às prendas domésticas, além da única alternativa de estudo localizar-se nos conventos católicos femininos. Além disso, a Igreja Católica, mostrando-se aliada aos interesses das oligarquias, permaneceu dirigindo boa parte do ensino destinado às mulheres, através de seus colégios religiosos, apoiando a formação diferenciada dos sexos.

Entretanto, com o advento da urbanização brasileira, um fenômeno capitalista, passou-se a exigir da mulher uma escolarização que a retirasse daqueles paradigmas que

lhes eram estabelecidos desde a época do Brasil colonial. Assim, passou-se a pensar na formação profissional da mulher, segundo Almeida (1998), para atuar fora do ambiente do lar; principalmente após a crise mundial de 1929, a hierarquia elitista começou a ser abalada, e os diplomas adquiridos por suas filhas passaram a ser utilizados profissionalmente.

Nesse sentido, os caminhos educacionais trilhados pelo Instituto Teresa Valsé Pantellini em Uberlândia, MG, ao final dos anos 1950 - em meio ao período de franca expansão da cidade, em que certamente a presença católica com o seu segundo educandário⁹ se amplia -, obtiveram grande sucesso, assentado no princípio de que as famílias da época acreditavam fielmente que o caminho valorativo da educação salesiana era o melhor para a formação de suas filhas.

Reiterando: o Instituto Teresa Valsé Pantellini aconteceu, como escola de apoio às deficiências educacionais da cidade, num momento em que a cidade passava por um desenvolvimento e crescimento populacional, com o progresso do parque comercial e industrial, o que, de certa forma, exigia o aumento do número de escolas locais, assentado nos preceitos do próprio estatuto que regia a Congregação das Filhas de Maria Auxiliadora: “[...] O Instituto Teresa Valsé Pantellini é constituído por uma congregação de professores religiosos, católicos e administrado por uma Diretoria, Assistente Disciplinar, Secretária e Tesoureira [...]”.¹⁰

A primeira residência das Irmãs ficou conhecida como *Chácara do Argemiro*, pois naquele local ficava sua propriedade, também usada como garagem de seu avião. A Irmã Jussy Azevedo¹¹ relata tal situação da seguinte forma:

[...] esse tal de Argemiro, só a casinha pequena lá, uma taperinha, mas ficamos lá quatro anos [...]. O Cícero Diniz era dono de uma imobiliária e comprou aquilo ali, é onde nós ficamos [...] e ele emprestou para nós morarmos [...]. O Argemiro não teve participação nenhuma em nosso momento inicial em Uberlândia, nós nem o conhecemos. (cf. entrevista concedida em 29/08/2007)

Assim, conforme informações extraídas do *Caderno de Crônicas*¹² do Instituto em apreço, e que abrange o período de 1959 a 1968, o dia 19 de Fevereiro de 1959, sob a bênção do Papa Giovanni João XXIII e do Bispo de Uberlândia, Dom Alexandre, chegou à cidade a Madre Geral Palmira Ghisoni, acompanhada pela comunidade escolar composta pelas Irmãs Rita Vieira Alves (primeira diretora do Instituto), Cornélia Alves, Lívia Alves, Leila Rezende, Jussy Azevedo e Catarina Muratore, com a missão de fundarem mais uma instituição de ensino em prol das crianças carentes e necessitadas.

⁸ Pe. Henrique Ribeiro de Brito, nascido em 01/12/1922, natural de Araxá, MG, foi Diretor do Colégio Cristo Rei entre 1966 e 1970 (cf. entrevista concedida a 22/02/2008).

⁹ Trata-se do Colégio Nossa Senhora, sob a responsabilidade das Irmãs de Jesus Crucificado, uma congregação de origem brasileira, fundada em Campinas, SP, e presente em Uberlândia, MG, desde 1932.

¹⁰ Estatuto do Instituto Teresa Valsé Pantellini, Uberlândia, MG, 1959.

¹¹ Irmã Jussy Azevedo, nascida em 20/02/1933 na cidade de Araguari, MG, foi professora de Matemática e Ciências, no Instituto entre os anos de 1959 e 1964 (cf. entrevista concedida em 29/03/2008).

¹² *Caderno de Crônicas* é um livro de anotações, que as irmãs usavam para relatar os principais fatos e acontecimentos ocorridos durante o ano letivo.

No entanto, nem sempre o que estava registrado em seus documentos iniciais foi condizente com a realidade da época, a começar pela frase, expressa anteriormente quanto ao ensino para os menos favorecidos, e também pelo fato de seu estatuto rezar o seguinte em um de seus artigos: “[...] *Será concedido ensino gratuito às alunas reconhecidamente pobres e merecedoras, sendo responsáveis pelos gastos pessoais e extraordinários [...]*” (ESTATUTO DO INSTITUTO TERESA VALSÉ PANTELINI, 1959). E isso por duas razões: primeiro, porque a escola, para sobreviver, necessitava dos pagamentos das mensalidades de suas alunas, pois não se tratava de uma entidade de assistência às pessoas carentes; segundo, porque quem tinha condição de pagar por ensino em Uberlândia, naquele contexto teria que ser de uma classe com poder aquisitivo para tal.

Tudo isso se torna relativamente contraditório, ao se partir do princípio de que elas se instalaram em um bairro, naquele momento, em formação em Uberlândia, com uma população bastante carente. É válido ressaltar que o fato de terem se estabelecido num bairro popular, chamaria a atenção para algum tipo de ajuda ou subvenção por parte dos órgãos públicos, fato este que é bem explícito pelas entrevistas de Irmã Jussy Azevedo e da Sra. Liberalina Almeida¹³:

[...] a comunidade levava sempre alguma coisa prá gente, uma verdura, um arroz, alguma coisa assim [...], tinha umas subvenções do governo que dava pro começo [...]. (IRMÃ JUSSY DE AZEVEDO, cf. entrevista concedida em 29/03/2008)

[...] em um lugar a Irmã pediu um órgão, até a mulher era muito rica [...], mas nos bancos a gente ai sempre colaborava sim, falava que ia dar uma mensalidade [...]. (LIBERALINA ALMEIDA, conforme entrevista concedida em 22/10/2007)

Entretanto, fica explícito que o envolvimento de pessoas ilustres da cidade - tais como o Sr. Cícero Diniz e o Sr. Tubal Vilela, proprietários de imobiliárias - no processo de construção do Instituto, estava ligado ao melhoramento do bairro e, por conseguinte, à maior valorização de suas propriedades. Tal fato fica elucidado quando o Pe. Henrique Ribeiro de Brito diz: “[...] *é claro que como investidores os senhores Tubal Vilela e Cícero Diniz tinham interesses no melhoramento e crescimento do bairro operário [...]*” (cf. entrevista concedida em 22/02/2008); e, quando a Irmã Jussy aborda tal assunto, ela reforça o fato de Cícero Diniz ser proprietário de chácara: “[...] *ele tinha a imobiliária e comprou aquilo ali, é onde nós ficamos [...]*” (cf. entrevista concedida em 29/03/2007).

Pelas entrevistas com o Pe. Manoel Claro e com a Sra. Odete dos Santos, transcritas abaixo, percebe-se como era o local na antiga Vila Operário, onde se localizava a referida chácara:

[...] tudo de terra, todo o bairro, a João Pinheiro era tudo de terra, da estação pra cá tinha um calçamentozinho mixuruca que vinha até ali e depois acabava [...]. (PADRE MANOEL CLARO, cf. entrevista concedida em 22/02/2008)

¹³ Liberalina Almeida, nascida em 28/03/1928, natural de Uberlândia, MG, foi colaboradora das Irmãs em seu momento inicial por volta de 1959.

*[...] eu era colaboradora das Irmãs assim que elas chegaram a Uberlândia [...] no bairro Operário e agora Brasil, só havia mato e poucas ruas de terra e alguns caminhos ou trilhos pelo cerrado [...] onde é o campo do Juca Ribeiro era um curral [...], tudo era só pasto [...] do lado da casa das Irmãs era só mato [...]. (ODETE DOS SANTOS, cf. entrevista concedida em 22/10/2007)*¹⁴

Irmã Jussy Azevedo, em sua digressão abaixo, reforça a precariedade da primeira sede da escola, enfatizando as suas deficiências estruturais, tais como a falta de água e de saneamento básico, além das ruas do bairro sem pavimentação e, entre outros, o distanciamento dessa região em relação à parte central e comercial da cidade. Aborda ainda como se davam os Oratórios Festivos¹⁵ nessa chácara com as crianças acomodadas debaixo dos mangueirais: “[...] lá tinha o oratório festivo, aos domingos [...] debaixo das mangueiras e brincava de bola, de roda [...] as salas muito precárias [...], tudo longe da cidade [...]. Quando chegava água, a gente enchia os baldes, não tinha água” (cf. entrevista concedida em 29/03/2008).

Entretanto, é válido ressaltar que os Oratórios Festivos tinham enorme relevância para a entidade, pois serviam como forma de divulgação de seus trabalhos e, ao mesmo tempo, chamavam a atenção dos habitantes do bairro, e mesmo da cidade de Uberlândia, sobre as dificuldades que as Irmãs vinham passando pela falta de infra-estrutura que o bairro apresentava.

Com isso, as autoridades que também participavam destes eventos, passaram a colocar, em seus planos de metas, melhorias para aquela região, fato que acabou acontecendo de forma gradativa, na medida em que a escola também crescia. Por outro lado, essas festividades serviam até mesmo para aumentar o número de alunos, pois, quando as famílias presenciavam os esforços das Irmãs para manter a escola - seja dando dinâmica ao funcionamento da escola, ou mesmo demonstrando enorme envolvimento com os mais necessitados -, acabavam matriculando suas filhas nessa instituição, até mesmo como forma de estar ajudando:

[...] acho que meu pai queria que eu estudasse ali para ter uma formação com respeito aos valores cristãos e até mesmo para ajudar as Irmãs que necessitavam muito naquele momento [...]. (EDNA BARBOSA¹⁶, cf. entrevista concedida em 20/10/2007)
[...] Quem doou o terreno foi o Joaquim Barbosa, proprietário de terras naquele local do bairro. (IRMÃ JUSSY AZEVEDO, cf. entrevista concedida em 29/03/2008)

Em 1º de Março de 1959, aconteceu, na referida chácara, a inauguração do Colégio, com a celebração de uma missa pelo Pe. Gervásio, na presença de várias

¹⁴ Odete dos Santos, nascida em 25/06/1928, natural de Uberlândia, MG, foi colaboradora das Irmãs quando chegaram a Uberlândia em 1959.

¹⁵ Trata-se de um momento de recreação com as crianças pobres, com distinção de sexo, o que ocorria geralmente nos finais de semana, quando eram desenvolvidos jogos, gincanas, sorteio de brinquedos, aulas de catequese entre outros aspectos, além da distribuição de lanche.

¹⁶ Edna Barbosa, nascida em 06/03/1953, natural de Uberlândia, MG, foi aluna do Instituto no período de 1961 a 1969.

autoridades locais; nessa oportunidade, foi feita a doação de uma área onde elas iriam construir sua escola que teve a seguinte demarcação: a área dos terrenos doados ao Colégio localizava-se no alinhamento da Avenida Mato Grosso, ao fundo da referida *Chácara*, justamente no local onde se situava a cabeça de pista do campo de aviação de Argemiro Vicente Lopes, ex-proprietário da mesma, bem como de loteamentos posteriores.

A seguir, as ilustrações dão uma idéia de como era o local em que foram iniciadas as obras:



Ilustrações extraídas do Arquivo do Instituto Teresa Valsé Pantellini, 1959.

Na primeira, à esquerda, pode ser visualizada a área inicial em que foi edificado o Instituto e, à direita, vislumbra-se toda a alvenaria da construção da nova escola que despontava em meio ao cerrado já nos fins de 1959.

Segundo a Irmã Jussy Azevedo, o colégio foi todo desenhado pela Irmã Catarina Muratore, tendo o engenheiro, Sr. Vinicius Vasconcelos, somente o trabalho de assinar o projeto:

[...] lembro, eu vi riscando o chão, o engenheiro lá com a Irmã Catarina, fazendo os riscos no chão, depois começou a fundação. Irmã Catarina é que fez a planta, o projeto do prédio, da água, do esgoto e da luz. O engenheiro somente assinou, a Irmã Catarina é que fez tudo.
(cf. entrevista concedida em (29/03/2008))

Em 02 de Março de 1959, foram iniciadas as primeiras matrículas, atingindo o número de noventa e cinco alunas, sendo 40 para o curso primário, e 55 para a segunda série, cujas aulas passaram a ser administradas em um barracão ali existente e, que, aos domingos, era transformado em capela para o culto religioso¹⁷: “[...] então no primeiro

¹⁷ Caderno de Crônicas, 02 de Março, 1959, p. 4-5.

ano abriram o primário e a quinta série, depois no outro ano abriu a 6^a até chegar a 8^a.” (IRMÃ ELZA LIMA GOMES¹⁸, cf. entrevista concedida em 22/10/2007).

Segundo a Irmã Jussy, ali tudo era animação e trabalho, pois até as próprias alunas cooperavam com as Irmãs, transportando material de construção de um local para o outro como se fosse uma brincadeira que resultasse em um benefício comum; este, porém, por se tratar de uma instituição particular, aos poucos foi se diferenciando o seu público, isto é, na medida em que a escola concluía sua obra, passou a atender a realidade de ensino de uma classe capaz de pagar, em sua grande maioria.

No tocante à infra-estrutura, a escola era ainda precária, tanto na referida Chácara, bem como na nova sede em seus primeiros anos, e isso por dois motivos, como já se referiu anteriormente: primeiro, pelas condições inadequadas do lugar e, segundo, porque o material didático era improvisado pelas próprias Irmãs, de acordo com a entrevista de Irmã Jussy Azevedo:

[...] o material didático era mais o treino da gente, o que a gente tinha, livro didático tinha, nossa copiadora era um tabuleiro pequeno, a gente punha uma gelatina própria, depois tinha um carbono que a gente batia e punha, e saía impresso lá, e a gente punha no papel, passava a mão naquela gelatina até sair impresso na folha [...]. (cf. entrevista concedida em 29/03/2008)

Nesse aspecto, observa-se que a escola não possuía um padrão didático único e comum para toda a rede salesiana, e que não fornecia nenhum material escolar gratuito para suas alunas; isso reforçava, mais ainda, a idéia de que os grupos sociais que se comprometessem em se envolver com o seu sistema educacional, teriam que ser pagantes, mesmo que fosse com uma pequena mensalidade, além de ter condição de arcar com as despesas dos livros didáticos, indicados pela escola:

[...] algumas empresas como a Erlan, a Imperial, a Princesinha, a fábrica de garrafas, o pessoal do frigorífico [...] nos ajudavam a cuidar das meninas com uma parte financeira [...] tinha uma merenda escolar que a Escola Estadual dava, e a gente já dava como Escola Particular [...]. (ibidem, cf. entrevista concedida em 22/02/2008)

Naquela época, existia uma relativa desproporção nos valores das mensalidades, entre alunas que pagavam mais, outras que pagavam menos e as que estudavam de graça. O público da escola não era composto somente por moradores daquele bairro; havia meninas que vinham das fazendas, bem como de lugares distantes do bairro. Conforme as palavras da Irmã Raimunda¹⁹, as dificuldades existiam, mas a escola recebia alguma ajuda de empresas, bem como subvenções do Estado, configurando-se, por conseguinte, como contribuições para superar os obstáculos.

¹⁸ Irmã Elza Lima Gomes, nascida em 09/03/1941, natural de Uberlândia, MG, ex-aluna do Instituto entre 1959 e 1962, atualmente é membro da congregação salesiana (cf. entrevista concedida em 22/10/2007).

¹⁹ Irmã Raymunda Camini Kfuri, nascida em 04/07/1937 no Rio de Janeiro, RJ, foi professora de ensino religioso no Instituto entre os anos de 1968 e 1971 (cf. entrevista concedida em 22/02/2008).

O Instituto iniciou suas atividades com uma mensalidade de valor bastante baixo, segundo o depoimento das Irmãs Jussy e Diva²⁰:

[...] a maioria era carente, lá não tinha estrutura para pegar meninas [...] pagava uma mensalidade pequena [...]. IRMÃ JUSSY AZEVEDO (cf. entrevista concedida em 29/03/2008)

[...] Como eram poucas alunas, então não havia tanta entrada financeira, tanto mais às vezes aquelas que procuravam o colégio, são aquelas que tinham dificuldade financeira, então tinha que fazer um desconto [...]. Havia uma bolsa da Prefeitura [...]. (IRMÃ DIVA MARTINS PINHEIRO, cf. entrevista concedida em 29/03/2008)

Além do mais, para aquelas alunas que não pagavam mensalidades, existiam as bolsas e subvenções fornecidas pela Prefeitura e pelo Estado. Por outro lado, alunas não-pagantes muitas vezes pertenciam ao sistema de internato da escola, e acabavam contribuindo, de alguma forma, na manutenção da mesma, até mesmo para compensar a falta da mensalidade. Para a Irmã Elza, a maioria das alunas internas morava muito longe: “[...] eram meninas que moravam em bairros distantes ou fazendas da redondeza que não podiam vir todos os dias [...]”. (cf. entrevista concedida em 22/10/2007). Entretanto, diante de tais argumentações que justificam a mensalidade de valor baixo defendida pelas Irmãs, a ex-aluna do Instituto, Edna Barbosa, relata que, para sua família, era um valor significativo: “[...] eu sei que pra minha família era um valor caro, mas eu não sei se porque a minha família não tinha dinheiro assim suficiente, ou se era realmente caro [...]” (cf. entrevista concedida em 20/10/2007).

Isto mostra que, mesmo existindo isenção de mensalidades e diferenciação de preços das mesmas, de acordo com a classe social das alunas, a realidade da escola era particular, sobrevivendo das mensalidades. Mesmo as alunas que não podiam pagá-las, tinham que ser beneficiadas, ainda que fosse com bolsas de valores mínimos, pagas pela Prefeitura ou através de algum tipo de trabalho que as alunas se sujeitavam a fazer na casa.

As alunas internas que moravam longe, e estavam impossibilitadas de pagar pelo ensino, assumiam o compromisso de ajudar a limpar a casa, auxiliar na cozinha, arrumar as salas de aula e lavar as roupas entre outras coisas: “[...] a gente ajudava a limpar as salas de aula e a cuidar da casa [...]”, declarou a Irmã Elza Lima Gomes (cf. entrevista concedida em 22/10/2007).

No tocante à questão disciplinar, a escola adotava uma disciplina rígida segundo os valores da época da Igreja Católica. Conforme recordações da Irmã Elza, as alunas indisciplinadas eram tratadas, de uma forma dialógica, pelas Irmãs, diferentemente de seus próprios primeiros anos escolares em escola pública, na qual se utilizava como punição a palmatória:

²⁰ Irmã Diva Martins Pinheiro, nasceu em 01/10/1922 em São Pedro dos Ferros, MG, foi professora de Matemática e Conselheira Escolar do Instituto em apreço entre 1966 e 1968 (cf. entrevista concedida em 29/03/2008).

[...] *Chamava em particular, conversava com ela, conversava com os pais, nunca se chamou atenção na frente das alunas, era sempre particular [...], às vezes conversava, brincava [...]. Quando eu estudei, no começo dos anos na 1ª série, 2ª série em outra escola, usava palmatória, usava o lápis pra bater se não fizesse a lição.* (cf. entrevista concedida em 22/10/2007)

Ressalte-se, a respeito, um outro aspecto da tradição salesiana que é o exercício de *buona notte* (boa noite), ou seja, a reflexão sobre uma dada mensagem de auto-reflexão, para que as alunas pudessem refletir antes de dormir. Tal metodologia também era seguida pelas alunas antes do início do dia letivo em sala de aula; nessa situação, a denominação era *acolhida*:

[...] *as nossas alunas não entravam para a sala sem uma acolhida [...], às vezes fazíamos uma acolhida geral que é a palavra de Deus; às vezes, contava um fato. Dali tirava uma mensagem para o aluno ser bom com sua família, colegas, professoras, esforçar-se nos estudos, acreditar na vida [...] se ontem a acolhida foi geral no pátio da escola [...] lá na sala de aula no outro dia, aquela professora que vai dar a primeira aula, a primeira coisa que ela tem que fazer é dar a acolhida.* (IRMÃ JUSSY AZEVEDO, cf. entrevista concedida em 29/03/2008)

Isto era um meio de fazer com que as alunas ficassem mais vulneráveis a aceitarem a vida e as situações proporcionadas pela realidade social, assim como as que eram sugeridas, uma vez que, dificilmente, depois de uma palavra de amor e de fraternidade em prol do próximo, as crianças se sujeitariam a infringir um princípio cristão que envolvesse a Igreja.

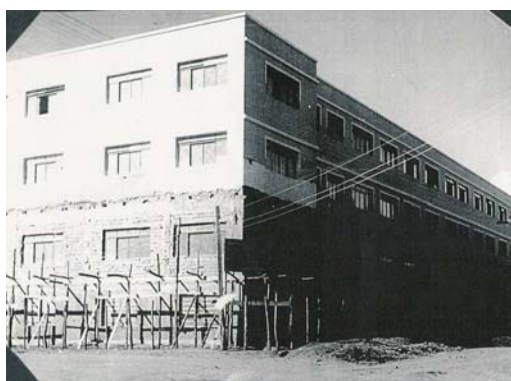
Para Modesti (1975), a *acolhida* ou *palavra* baseava-se na lição recebida a partir de acontecimentos do dia, sucedidos em casa ou fora; a *acolhida*, em seu pronunciamento, não devia passar de dois a três minutos. Essa é chave da moralidade, do bom andamento e do bom êxito da educação, pois para Dom Bosco, o que é demais acaba prejudicando, e o que é pouco, mas bom, deixa o gosto de “quero mais” e é aceito.

Consta nas crônicas que, no início do ano de 1960, Rondon Pacheco, então deputado federal, visitou o Colégio e prometeu às Irmãs o financiamento das futuras instalações do Instituto²¹.

Em 11 de junho do mesmo ano, realizou-se uma festa junina, com a finalidade de angariar fundos em benefício da nova construção e, em 23 do mesmo mês, realizou-se outra festa junina com barraquinhas e fogueira, a qual foi prestigiada por grande número de pessoas. Com isso, conseguiu-se arrecadar, para as obras em nova etapa, a cifra de Cr\$ 3.000,00 (três mil cruzeiros).²²

²¹ Caderno de Crônicas, 22 de Janeiro de 1960, p. 13.

²² Caderno de Crônicas, dias 11 e 23 de Junho de 1960, p. 18.



O novo Colégio em Construção, em 1960 (Arquivo do Instituto Teresa Valsé)

Essa ilustração visualiza o novo prédio do Instituto, no início de 1960, já com sua estrutura de alvenaria bastante adiantada, apresentando uma fachada moderna e, pelo que se percebe, com amplos espaços para salas de aula e acomodações das Irmãs. Isto já revela a visagem avançada das Irmãs em acreditarem no crescimento e no desenvolvimento do bairro, bem como no potencial de seus trabalhos educacionais.

Na construção desse prédio, as Irmãs tiveram o capricho de pensar em vários fatores que certamente beneficiariam toda a comunidade estudantil que, futuramente, passaria por ali. Assim, o pátio da escola ficou espaçoso, com possibilidades de ampliações futuras, sem interferir no arejamento das salas, de uma forma que, quem estivesse no ambiente da sala de aula, perceberia o que se passava no pátio e vice-versa. A disposição dos degraus da escada que dão acesso ao pátio, possibilitou uma plataforma para que as Irmãs ou outros palestrantes pudessem proferir alguma palavra aos alunos. Na ala interna do prédio, as Irmãs preocuparam-se em fazer salas amplas, de forma que, quem passasse pelo corredor, veria o que ocorria em sala de aula, através de alguma abertura nas portas e janelas. Foi planejada uma capela num salão, às vezes usado para festividades e formaturas. Entre outras coisas, esse prédio tornou viável, em termos de inovação, a construção de uma rampa para facilitar o acesso de pessoas portadoras de necessidades especiais aos três andares superiores.

No dia 03 de dezembro de 1960, instalaram-se no Colégio os primeiros cursos que elas chamavam de qualificação profissional e preparação para a vida dentro e fora do lar, tais como os de corte e costura, bordado, música, canto e pintura: “[...] me lembro de ter feito trabalho de bordado [...] teve uma época que a gente teve um início de aulas de músicas, de instrumento musical, de piano, por exemplo [...]” (EDNA BARBOSA, cf. entrevista concedida em 20/10/2007).

No entanto, tempos depois, quando já estavam na nova casa, as Irmãs desenvolveram um projeto internamente à escola, com participação das alunas e demais integrantes da comunidade, o qual foi denominado por *Obra de São José*; ensinava-se ali datilografia, contabilidade, corte e costura, bordado e pintura, cabeleireiro, manicure, pedicuro, culinária e confeitaria. Segundo a informação da Irmã Elza, “[...] depois, anos depois quando abriu a Obra São José aqui (...) oferecia Contabilidade, Datilografia [...]” (IRMÃ ELZA LIMA GOMES, cf. entrevista concedida em 22/10/2007).

O ensino profissionalizante, ou a preocupação em ensinar as crianças a ter uma atividade produtiva, continuou existindo na escola durante todo o período abordado por esse artigo, pois, segundo a entrevista com a Irmã Nilda Sampaio Dias²³, durante a sua gestão como diretora (1969-1970), e mesmo depois com a nova gestão, continuou existindo:

[...] ensinar as meninas a pregar botão, fazer casa, pregar colchetes, fazer barra na roupa, nas saias, nas blusas, o mais prático possível, também desenho, geometria, mas também uma parte prática neste sentido [...] e outros [...]. (IRMÃ NILDA S. DIAS, cf. entrevista concedida em 22/02/2008)

Nesse momento, faz-se necessária a discussão a respeito do sistema de premiação priorizado pelo sistema salesiano de educação, em que o princípio de vigiar e premiar tem o objetivo de criar um sistema de práticas, que torne as transgressões inaceitáveis, e a observância apeteável em relação às normas ou regras, e por trazer vantagens, inclusive materiais, procurando criar um jogo de representações positivas que reforçassem a observância de horários, movimentos obrigatórios, atividades, meditação, trabalho individual e em comum, silêncio e respeito aos bons hábitos. Assim, em caso de correção, o que se objetivava, era o restabelecimento da paz e da ordem, contribuindo com o processo de criação de um sujeito obediente à autoridade humana.

Deve-se esclarecer que, segundo a concepção salesiana (SANTOS, 2000), prevenir não significa o ato negativo de reprimir; prevenir visa adquirir a força de alcançar, com o amor, um efeito mais seguro, mais íntimo do que se pode obter com o castigo. Diante de tal posição, pode-se afirmar, com o mesmo (SANTOS, 2000), sobre o sistema educativo salesiano, que este parece contrastar com a análise realizada por Foucault (1993), relativamente ao ambiente institucional sempre marcado pela opressão e pela submissão à ordem, de forma elaborada e planejada. Porém, no espaço escolar salesiano o que prevalece como forma de manter a ordem é uma repugnância às aplicações de punições físicas ou simbólicas. Rejeitando absolutamente a violência física, e tolerando a simbólica em casos extremos, apela-se para uma submissão à autoridade humana, não por ser simplesmente humana, mas por ela representar o poder divino.

Para obter o controle sobre a relação entre a instituição e o aluno, como na tradição salesiana, os prêmios eram um dos meios para estimular os alunos ao estudo, ao procedimento exemplar como instrumento de estímulo a vencer os seus próprios obstáculos. Assim, pelo que consta nos registros da escola, as premiações variavam em etapas avaliativas, tais como: estudo, fator religioso, música, desenho, datilografia, pontualidade, assiduidade, ajuda na catequese e em missas, disciplina etc. A cada período, a aluna recebia um certificado-prêmio de acordo com o merecimento, e com a assinatura da diretora.

²³ Irmã Nilda Sampaio Dias, nascida em 04/03/1933, natural de Campos dos Goitacazes, RJ, foi professora de Matemática, História e Coordenadora; posteriormente, foi Diretora do Instituto de 1969 a 1970 (cf. entrevista concedida em 22/02/2008).

A forma de organização da sala de aula dessa instituição era sempre uma constante, no tocante à disposição das carteiras em madeira, as alunas sentadas em dupla e o modo uniformizado de vestir das alunas.



Desfile em 1962 (Arquivo do Instituto Teresa Valse Pantellini)

Nessa parada cívica de 1962, conforme ilustração à esquerda, as alunas desfilavam bem organizadas, e em filas por ordem de tamanho, usando um uniforme oficial para grandes ocasiões. Segundo a Irmã Elza, elas usavam esse uniforme especial em ocasiões festivas; desde o início de sua fundação em 1959, já se adotava esse modelo. Nesse aspecto, é válido tecer certos comentários sobre os uniformes, usados de acordo com cada situação no ambiente da escola, tanto nos dias de aula normais, como em momentos comemorativos, além das aulas de Educação Física.

A ilustração revela, ainda, o perfil das alunas uniformizadas. Nos dias festivos usavam saia preta com pregas, camisa branca de manga longa, boinas, sapato fechado com meias três quartos e até a altura do joelho. E no cotidiano escolar, usavam camisas de manga curta e, conforme relatos das Irmãs, através das entrevistas, e que o mesmo uniforme em salas de aula era usado nas aulas de Educação Física: “[...] era uniforme saia preta, blusa branca de gravata [...], eram medidos 30 cm do chão para cima [...]” (IRMÃ ELZA LIMA GOMES, cf. entrevista concedida em 22/10/2007).

No tocante aos uniformes dos professores, no início de funcionamento da escola não havia necessidade, pois eram as próprias Irmãs que ministravam as aulas; depois, concluíram por admitir professores externos à congregação, isto é: assim que o número de alunas aumentou, as Irmãs já não mais conseguiam ministrar as aulas sozinhas. Mesmo assim, não houve necessidade de se constituir um uniforme-padrão para os professores. Usavam apenas um jaleco branco que se sobrepunha à roupa, confeccionado pela própria escola, segundo descrevem as Irmãs.

Em fevereiro de 1963, o *Correio de Uberlândia*, um jornal local, noticiava, em suas colunas, a finalização das obras do Instituto, notificando a população sobre o início das aulas, como se transcreve na citação a seguir:

*Em Vila Operária: Novo Instituto Inicia Aula*²⁴

Um novo estabelecimento de ensino médio que irá beneficiar sobremaneira a mocidade estudiosa de Uberlândia e em especial, da populosa e progressiva Vila Operária, acaba de abrir suas matrículas. Trata-se do Instituto Teresa Valsé Pantellini, localizado confortavelmente à Av. Dom Bosco (antiga av. Mato Grosso).

O dia 23 de março de 1963 foi uma data importante para a comunidade salesiana, marcando a mudança definitiva das Irmãs para o novo Colégio, deixando a Chácara de Cícero Diniz. Transportaram tudo para as novas instalações (Caderno de Crônicas, 23 de março de 1963, p. 55).

No dia 24 de março de 1963, duzentas alunas ginásianas passaram a receber instruções no segundo pavimento do novo edifício, no qual foi instalado, definitivamente, o pavilhão escolar com 107 alunas do Curso Elementar, 174 alunas do Curso Ginásial e um pequeno grupo de pré-escolares, evidenciando-se um crescimento significativo quanto ao número de matrículas, consolidando cada vez mais a presença da escola salesiana na cidade.

Outro detalhe importante desse ano: é o marco do fim da dependência jurídica para os registros de diplomas do Instituto em nome do Ginásio Cristo Rei, conforme a autorização ocorrida em 1964, transcrita abaixo:

DADOS DO INSTITUTO
IRMÃ TERESA VALSÉ PANTELLINI

FUNDAÇÃO : 19/02/1959
CURSO PRIMÁRIO: 1959
CURSO GINÁSIAL: 1960. De 1960 a 1964, funcionou como parte feminina do Ginásio Cristo Rei, dos Sales.
EM DEZEMBRO DE 1964: autorização de funcionamento independente do G. Cristo Rei.

(Arquivo do Instituto Teresa Valse Pantellini, 1964)

Tal autorização ocorreu devido a motivos administrativos, os quais levaram a escola a ser fiscalizada, passando assim, a partir de então, a ser reconhecida pelos órgãos educacionais como responsável pela emissão de seus próprios documentos, como diplomas ou certificados, entre outros. Isso pode ser comprovado pela entrevista com a Irmã Jussy Azevedo, dizendo que: “[...] a partir de 1964 nós já éramos independentes para emitir nossos próprios certificados para os alunos [...]” (cf. entrevista concedida em 29/03/2008).

Outro fato importante a ser mencionado é sobre o processo de avaliação das alunas, o qual abrangia vários aspectos, dentre os quais se incluía a apreciação do progresso

²⁴ CORREIO DE UBERLÂNDIA. Em Vila Operária: Novo Instituto Inicia Aula. Ano XXVI. Nº 9.479. Cód. 48. Uberlândia, 07 de fevereiro de 1963, p. 07.

social e pessoal da aluna, no tocante ao senso de responsabilidade (aqui se incluía a questão da responsabilidade pelas tarefas, o cumprimento das ordens que lhes eram dadas como incumbência e o cuidado pessoal com os objetos), o uso da linguagem em situações vitais (o falar com naturalidade, esperar a vez de falar e escutar com atenção), hábitos de trabalho (concentração nos trabalhos, quanto ao início e término sem serem advertidas), atitudes e hábitos sociais (aceitação de sugestões e críticas com bom humor, sem se mostrarem indiferentes para com as Irmãs); serem atenciosas com as colegas, participar assiduamente das atividades extra-classes), bem como os hábitos de higiene (cuidado com a apresentação pessoal, uso do lenço, cumprimento de preceitos de higiene necessários à conservação da saúde).

Pela observação de cada um dos itens citados, nota-se que recebiam uma compensação de valorização, tal como S (plenamente satisfatório), P (progressivo) e I (insuficiente). Além desses itens, havia a avaliação de preceitos tidos como comportamentais que envolviam ordem, civilidade, ausências, entrada com atraso em sala de aula, saídas antecipadas entre outros procedimentos. Para cada um desses pontos citados, era atribuída uma pontuação que ia de zero a cem.

Outra forma de avaliação era relativa à aquisição de conhecimentos (valorização do aproveitamento – de 0 a 100), de acordo com as disciplinas oferecidas, que eram: Religião, Linguagem, Aritmética, Geografia e História, Ciências, Leitura, Caligrafia e Trabalhos Manuais (aqui entravam os ensinamentos dos cursos considerados profissionalizantes ou, como eram classificados pelas Irmãs, *técnicas de ensinamentos iniciais*). Além do mais, as alunas eram avaliadas pelo comportamento social em sala de aula, recebendo conceitos de *ótimo, bom, regular e deficiente*; as duas últimas classificações indicavam que a aluna não tinha um procedimento exemplar.

Pode-se perceber que a avaliação das alunas seguia um padrão rigoroso e extremamente criterioso, pois retirava das alunas a liberdade de expressão peculiar a cada etapa de seu desenvolvimento e crescimento, ficando submissas a ter que seguir um padrão, que lhes era imposto diretamente pelas Irmãs e, rigorosamente, acompanhado pelos pais.

Percebe-se, ainda em 1965, a separação no ambiente escolar, entre meninos e meninas, até porque, durante todo o contexto abordado por esse artigo, a presença de crianças do sexo masculino no ambiente escolar era apenas nos oratórios festivos exclusivamente para meninos.

De uma forma panorâmica, a escola estava organizada da seguinte forma entre os anos de 1965 e 1966, segundo a entrevista concedida pela Irmã Nilda Sampaio Dias em 22/02/2008: o colégio tinha à frente da direção, a Irmã Maria Augusta Modena. Havia muito serviço de acabamento para ser concluído no interior do prédio e, na parte exterior, também faltava o muro e alguns acabamentos para melhor amparar as crianças, pois nem a rua ao lado era pavimentada. No que diz respeito ao número de alunas, a escola estava com seu quadro bastante satisfatório, necessitando até mesmo contratar algumas professoras leigas, das quais as Irmãs exigiam um comportamento criterioso em termos de postura, conduta e forma de se vestir, exigindo que se vestissem de forma apropriada ao ambiente escolar, proibindo o uso de roupas curtas ou decotadas. Solicitavam-lhes

também que não usassem roupas requintadas, para dar um aspecto de grandeza: “[...] as mestras vestiam de forma simples e eram muito bem avaliadas no que diz respeito ao seu perfil de conduta dentro e fora da sala de aula [...]; elas ganhavam um salário bom para a época, não me lembro o valor não, mas sei que era bom [...]” (IRMÃ NILDA S. DIAS, cf. entrevista concedida em 22/02/2008).

Nesse período também, segundo a Irmã Nilda S. Dias, a escola já tinha condição de dar segurança quanto ao transporte, para que as alunas pudessem chegar com segurança à instituição e retornar aos seus lares: “[...] quando eu fui morar lá havia um ônibus que buscava as crianças, depois, levava as meninas do turno da manhã, entre 11:30 e 12:00 horas, e trazia as pequenas meninas do turno da tarde [...]” (cf. entrevista concedida em 22/02/2008).

Nos momentos de recreação e durante as aulas de Educação Física, as brincadeiras mais praticadas eram o spiribol, tênis de mesa, brincadeira de queimada, pular corda.

Segundo a Irmã Nilda, na segunda vez em que ela esteve na escola, entre os anos de 1969 e 1970, como diretora, o Instituto já se organizava com todos os seus pavilhões construídos, conforme o projeto arquitetônico inicial e com o pátio pavimentado.

Pelas informações presentes no Arquivo da instituição, no ano de 1969, a instituição passou por inspeção estadual, para a regularização do registro da casa junto aos órgãos públicos em vista do alvará de funcionamento do Instituto, livre de quaisquer empecilhos por parte dos aparelhos responsáveis pela inspeção educacional e receituária, conforme o documento reproduzido abaixo:

AUTORIZAÇÃO DE FUNCIONAMENTO: pela
Portaria nº 124 de 27/05/1969.
RECONHECIMENTO : Pela Portaria nº
08 de 30/07/1971

Arquivo do Instituto Teresa Valsé, 1971.

Dessa forma, segundo o documento acima, comprova-se a autorização de funcionamento da escola pela Portaria nº 124, de 27 de maio de 1969, e o reconhecimento da instituição pela Portaria nº 08, de 30 de julho de 1971. Por conseguinte, este ocorre poucos dias antes da publicação da reforma da LDB em 11 de agosto de 1971.

É importante relatar que, nesse período, entre as alunas do Instituto, levando-se em conta os seus sobrenomes, encontravam-se integrantes das famílias mais tradicionais de Uberlândia, conforme a ata de Conselho de Alunas, de 1971: Ruth Naves, Teresinha Peixoto, Maria Vieira Carneiro, Dirce Spirandelli, Rosilma Miranda Carrijo, Kátia Saraiva etc. Nessa relação de alunas, fica bem evidente o fato de a escola estar envolvida com as classes sociais de grande poder aquisitivo naquele momento.

O Instituto chegou ao ano de 1971 como um colégio de construção moderna, com três pavimentos simples, porém, com traços elegantes, rampas de mosaico que poderiam servir para dar acesso às pessoas com algum tipo de deficiência física, paredes recobertas de pastilhas, que facilitavam a limpeza e a manutenção da higienização do espaço.

Segundo depoimentos das Irmãs e ex-alunas, o pavilhão central comportava, em 1971, diversas salas de aulas com seus destacados cursos, ampla biblioteca com estantes de aço e várias coleções de obras notáveis, gabinete médico e salas de ciências e de física. O salão-auditório e a capela com instalações provisórias apresentam belo aspecto e à altura de suas respectivas funções.

A partir do ano de 1971, o Instituto Teresa Valsé Pantellini passou a ser uma escola mista, ou seja, passou a receber alunos de ambos os sexos, principalmente os oriundos de famílias que já haviam colocado seus filhos para estudar no Ginásio Cristo Rei, que acabara de encerrar suas atividades. Portanto, já haviam tido experiência com o ensino ministrado pela congregação salesiana. Para o Pe. Henrique, a maioria dos alunos matriculados na escola, na data de seu fechamento, foram para o Instituto: “[...] me lembro que boa parte dos alunos matriculados na época do fechamento do Cristo Rei foi para o colégio das Irmãs [...]; no momento em que a escola passou a receber matrícula mista a diretora era a Irmã Conceição Araújo [...]” (IRMÃ NILDA SAMPAIO DIAS, cf. entrevista concedida em 22/02/2008).

Dessa forma, ao longo desse estudo pode-se perceber que, na medida em que a escola foi sendo construída e se firmando como uma instituição significativa para o setor educacional na cidade, o progresso do bairro também ocorreu. Aos poucos, construíram-se residências no entorno do Instituto e, em 1971, pelos relatos das entrevistas, o Bairro Brasil já era bastante habitado, com ruas pavimentadas, energia elétrica e saneamento básico. A Irmã Nilda Sampaio Dias resume as suas passagens pela casa, bem como o progresso do bairro da seguinte forma:

[...] primeira vez que eu fui morar ali, eu falei: gente, meu Deus, eu estou morando na roça [...] aí foi, foi, foi e o progresso foi chegando também ali na nossa casa que saiu da periferia e começou o progresso, muitas casas, loteamentos por ali e o número de alunas também aumentando [...]. (cf. entrevista concedida em 22/02/2008)

Todos os depoimentos presentes nesse estudo revelaram o cotidiano de uma história sobre o Ginásio Cristo Rei e sobre o Instituto Teresa Valsé Pantellini, o qual foi o objeto desse estudo. A construção dessa história sintetiza tal movimento educacional católico em Uberlândia, que procurou enfatizar uma história testemunhada por pessoas que viveram cada momento descrito, e que a pesquisa pôde reviver interpretativamente, inclusive através das ilustrações.

Mas, os percursos para a construção desse texto possibilitaram vislumbrar uma concepção distanciada daquela visão de instituição católica de educação rememorada em nossa consciência, pela leitura de obras literárias que faziam caricaturas das formas regimentais de funcionamento dos internatos brasileiros através de relatos de escritores tais como Raul Pompéia (O Ateneu) e José Lins do Rego (Doidinho), pelos aspectos mórbidos proporcionados por tais obras ao retratar o internato. Assim, quando se fala de instituição católica de educação e de internato, o que se visualiza, graças a essa literatura, é um local sombrio, fechado, com muros enormes, com uma vigilância próxima à de um presídio. Entretanto, na realidade, os fatos literários apresentam um aspecto

caricato da realidade, ainda que sejam testemunhos do que ocorria no interior dos mesmos.

Porém, na realidade da instituição salesiana, fruto da análise desse estudo, entende-se que a abordagem era outra, até mesmo pela postura de educação dos salesianos, pelo fato da escola aqui não funcionar em regime de internato, bem como por explicitar uma vivência de uma outra realidade social, de todo um processo de construção que demandava a conquista da clientela, bem como a estruturação enquanto instituição educacional, como forma de apresentar uma nova postura de educação com maior participação familiar e comunitária. Nesse sistema de ensino, assim como regem as normas de Dom Bosco, pela percepção do estudo realizado junto à instituição, bem como pelos depoimentos dos entrevistados, percebe-se que o educador deve ter uma presença ativa, positiva, amiga e diuturna entre seus alunos.

Diante disso, pode se dizer que o Instituto procurou adotar um sistema de ensino que evitasse pressões ou castigos físicos, bem como reduzir, ao mínimo possível, inclusive os castigos simbólicos, apelando para os recursos da inteligência e do coração, mas certamente norteados pelo desejo de Deus que o ser humano traz em si.

Considerações finais

Uberlândia é uma das cidades mineiras que mais se desenvolvem, tendo acompanhado a dinâmica das transformações urbanísticas que aconteceram entre os anos de 1950 a 1970. Foi nesse contexto que as Irmãs Salesianas vieram para a cidade que, apesar de todo o crescimento, passava por problemas de ordem social, pois os migrantes que se sentiam atraídos, acabavam tendo que viver em péssimas condições na periferia da cidade, assim como era o antigo Vila Operário, atual Bairro Brasil, onde as Irmãs posteriormente construíram sua escola.

Sendo uma região onde se concentravam interesses de pessoas importantes da cidade, isto é, pessoas como Tubal Vilela da Silva, proprietário de imobiliária, Cícero Diniz, diretor de uma outra imobiliária e que, segundo as Irmãs comentaram, foram eles os que mais incentivaram a permanecer naquele local. Nesse aspecto, depara-se aqui com uma das respostas ao questionamento proposto nesse estudo, no tocante aos interesses que motivaram a vinda das Irmãs. Assim, confirmou-se a hipótese de que o Instituto instalou-se em Uberlândia num momento em que o desenvolvimento sócio-econômico e industrial se deu, gerando a expansão demográfica e aumentando a demanda social pelo ensino.

O que se demonstra nessa pesquisa é a força constituída pelo ensino confessional em Uberlândia, entre os anos de 1959 ao início de 1971, bem como o seu comprometimento com o processo de formação da mulher, que não era vista como mera administradora do lar, mas como possível mão-de-obra profissional.

Os fatos percorridos por esse artigo foram fundamentados em documentos registrados em crônicas que se encontram arquivadas no Instituto, os quais permitiram a realização da pesquisa, sendo possível estabelecer a conexão e a discussão sobre os relatos encontrados em arquivos da própria escola, nas notícias dos jornais da época, além das entrevistas com ex-alunas do Instituto.

Diante disso, compreende-se que o Instituto construiu uma dinâmica metodológica de educação baseada em princípios da religiosidade, e que envolvia o sistema de se formar a conduta do indivíduo através de conhecimentos acadêmicos, científicos e pelos ensinamentos e princípios valorativos, estruturados no tripé proposto por Dom Bosco, razão, religião e *amorevolezza*.

Esse estudo revela que a congregação, desde os seus primeiros momentos de existência, procurou organizar sua estrutura educacional em torno de comunidades mais simples, nas quais se pode observar o crescimento da comunidade religiosa local, envolvida com o empreendimento educacional, bem como daqueles envolvidos com os seus educandários – alunos, professores, pais; além disso, tais educandários estiveram inseridos em locais estratégicos de uma cidade, como é o caso da instituição construída em Uberlândia, hoje situada em uma região central da cidade.

Com o passar do tempo, o posicionamento educacional dessa instituição adaptou-se à realidade moderna, enfatizando, em seus programas, a preocupação em formar os alunos para a reflexão sobre a realidade social, despertando-os para uma visão crítica da realidade, além de impulsioná-los para ações que viessem a interferir em suas próprias individualidades.

Referências

- ALMEIDA, J.S. *Mulher e Educação: a paixão pelo possível*. São Paulo: Ed. UNESP, 1998.
- AZEVEDO, F. *A cultura Brasileira*. 5ª. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1971.
- AZZI, Riolando. *Os Salesianos no Brasil: à luz da história*. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1983.
- BOSCO, Terésio. *Maria Domingas Mazzarello*. 5ª ed. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1996.
- BRITO, Pe. Henrique R. *Padre Agenor Vieira Pontes: Salesiano de D. Bosco*. Belo Horizonte: Inspeção S. J. Bosco, 2001.
- CADERNO DE CRÔNICAS (1959-1968). Uberlândia, MG, Arquivo do Instituto Teresa Valse Pantellini.
- ENGUITA, M. *A Face Oculta da Escola: Educação e Trabalho no Capitalismo*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- ESTATUTO DO GINÁSIO CRISTO REI, 1947.
- ESTATUTO DO INSTITUTO TERESA VALSÉ PANTELLINI, Uberlândia, MG, 1959.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão*. 10ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

GERMANO, J. W. *Estado Militar e Educação no Brasil (1964-1985)*. São Paulo: Cortez, 2000.

GRACIANO, M. D. *Decido Para Sempre*. 1978.

INSTITUIÇÕES DE DIREITO CANÔNICO. 3ª. edição. Braga: Escola Tipográfica da Oficina São Jose, 1955, 3 vols.

LAGES, Pe. A. *Dom Bosco: Traços Biográficos*. 2ª ed. São Paulo: Salesiana D. Bosco, s/d.

LINS, I. *Perspectivas de Augusto Comte*. Rio de Janeiro: S. José, 1965.

MANOEL, I. A. *Igreja e Educação Feminina. Uma face do Conservadorismo*. São Paulo: Ed. UNESP, 1996.

MODESTI, João. *Uma Pedagogia Perene*. São Paulo: Editorial Dom Bosco, 1975.

MOURA, Pe. Laércio Dias de. *A Educação Católica no Brasil: Passado, Presente e Futuro*. São Paulo: Loyola, 2000.

POMPÉIA, Raul. *O Ateneu*. 14.ª ed. São Paulo: Ática. 1981.

REGO, José Lins do. *Doidinho*. 35ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio.

ROSSI, Michelle P. da S.; INÁCIO FILHO, G. *As Congregações Católicas e a Disseminação de Escolas Femininas no Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba*. In Revista HISTEDBR, Campinas, SP, 24: 79-92, 2006.

SANTOS, Manoel Isaú Souza Ponciano dos. *Luz e Sombras: Internatos no Brasil*. São Paulo: Salesianas, 2000.

SAVIANI, Dermeval et al. *O legado Educacional do Século XX no Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

SCARAMUSSA, Tarcísio. *O Sistema Preventivo de Dom Bosco: Um estilo de educação*. 3ª edição. São Paulo: Editora Salesiana, 1984.

TEIXEIRA, Tito. *Bandeirantes e Pioneiros do Brasil Central: História da Criação do Município de Uberlândia*, vol. I, Uberlândia, MG: s/ed., 1970.

Jornais

CORREIO DE UBERLÂNDIA. Ruth de Assis e Lycídio Paes (red.). Colégio Salesiano: Grande quermesse em benefício da construção desse estabelecimento de ensino. Uberlândia, 02 de agosto de 1953, p. 01.

CORREIO DE UBERLÂNDIA. Uberlândia, 30/08/1958, p. 01.

CORREIO DE UBERLANDIA. Valdir Melgaço (dir). Irmãs Salesianas. Uberlândia, 21 de fevereiro de 1961, p. 02.

O ARAUTO. Padre Durval Gomes Garcia (dir). Uberlândia, agosto de 1961, p. 01.

TRIBUNA DO TRIÂNGULO. Cyro de Castro Almeida (dir) Quermesse em Prol do Colégio Salesiano. Uberlândia, 10 de agosto de 1953, p. 04.

Depoimentos

Diva Martins Pinheiro, Irmã, em 29/03/2008.

Edna Barbosa, em 20/10/2007.

Elza Lima Gomes, Irmã, em 20/10/2007 e em 22/10/2007.

Henrique Ribeiro de Brito, Padre, em 22/02/2008.

Jussy de Azevedo, Irmã, em 22/02/2008 e em 29/03/2008.

Liberalina Almeida, em 22/10/2007.

Manoel Claro Costa, Padre, em 22/02/2008.

Nilda Sampaio Dias, Irmã, em 22/02/2008.

Odete dos Santos, em 22/10/2007.

Recebido em junho de 2009
Aprovado em outubro de 2009